

## NÃO FALAMOS DE HITLER: O SILÊNCIO NA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ SOBRE O NAZISMO ENTRE 1945 e 1960

Gustavo Feital Monteiro<sup>1</sup> 

**Resumo:** Com o fim do governo Nacional-Socialista em 1945, a Alemanha entrou em um período de reconstrução e reorganização que abrangeu todos os campos da vida social. Os primeiros anos após a Segunda Guerra foram caracterizados pela nova configuração política e pela reorientação ideológica na adequação à Guerra Fria. No espaço acadêmico, tais repercussões interferiram na forma pela qual os historiadores observavam o nazismo, direcionando e influenciando as interpretações a partir de diferentes princípios, tanto ideológicos quanto políticos. O presente artigo busca demonstrar como a historiografia alemã entre 1945 e 1960 foi caracterizada pela ausência de estudos sobre esse tema, procurando também identificar os motivos que ocasionaram nessa tendência historiográfica. Através do estudo de dois trabalhos publicados nesse período de autoria de Meinecke e Ritter, é possível delimitar os parâmetros políticos e ideológicos que permeavam o ambiente acadêmico.

**Palavras-chave:** Nazismo. Historiografia. Holocausto.

### WE DON'T TALK ABOUT HITLER: THE SILENCE OF THE GERMAN HISTORIOGRAPHY ABOUT NAZISM BETWEEN 1945 AND 1960

**Abstract:** With the end of the National-Socialist government in 1945, Germany entered a period of reconstruction and reorganization that encompassed all fields of social life. The first years after the Second World War were characterized by the new political configuration and by the ideological reorientation in the adaptation to the Cold War. In the academic field, such repercussions interfered in the way in which historians observed Nazism, directing and influencing interpretations based on different principles, both ideological and political. This article seeks to demonstrate how German historiography between 1945 and 1960 was characterized by the absence of studies on this topic, also seeking to identify the reasons that led to this historiographical trend. Throughout the study of two works published in this period by Meinecke and Ritter, it is possible to delimit the political and ideological parameters that permeated the academic environment.

**Keywords:** Nazism. Historiography. Holocaust.

### NO HABLAMOS DE HITLER: EL SILENCIO DE LA HISTORIOGRAFÍA ALEMANA SOBRE EL NAZISMO ENTRE 1945 Y 1960

**Resumen:** Con el fin del gobierno nacionalsocialista en 1945, Alemania entró en un período de reconstrucción y reorganización que abarcó todos los campos de la vida social. Los primeros años posteriores a la Segunda Guerra Mundial se caracterizaron por la nueva configuración política y por la reorientación ideológica en la adaptación a la Guerra Fría. En el espacio académico, tales repercusiones interfirieron en la forma en que los historiadores observaron el nazismo, orientando e influyendo en interpretaciones basadas en diferentes principios, tanto ideológicos como políticos. Este artículo busca demostrar cómo la historiografía alemana entre 1945 y 1960 se caracterizó por la ausencia de estudios sobre este tema, buscando también identificar las razones que llevaron a esta corriente historiográfica. A través del estudio de dos obras publicadas en este

<sup>1</sup> Doutorado em andamento em História pela Universidade de Brasília. Possui graduação em História pela Universidade de Brasília (2012) e mestrado em História pela Universidade de Brasília (2016). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Nazismo, Fascismo, Totalitarismo, Antissemitismo, Holocausto, Segunda Guerra.

período por Meinecke y Ritter, es posible delimitar los parámetros políticos e ideológicos que permearon el ambiente académico.

**Palabras-clave:** Nazismo. Historiografía. Holocausto.

## Introdução

Antes da Segunda Guerra Mundial acabar em 1945, alguns pesquisadores já se voltavam para o passado alemão na busca pelos indícios que poderiam explicar o fenômeno nazista. Não somente historiadores, mas jornalistas, filósofos, sociólogos e cientistas políticos foram alguns dos primeiros a abordar o tema de acordo com questionamentos próprios de seus campos de atuação. Mesmo possuindo origens analíticas particulares e seguindo por linhas interpretativas específicas, os seus estudos faziam indagações semelhantes e apresentavam questões similares sobre a origem do Nacional-Socialismo e o seu impacto no mundo.

No entanto, estes trabalhos tiveram um início complexo. Os quinze primeiros anos após 1945 se constituem, nas palavras de Friedländer, em um período de “latência” na abordagem da história do governo nazista e do genocídio dos judeus devido a diversos fatores do pós-guerra.<sup>2</sup> Primeiramente, o contexto sociopolítico estava voltado para a reconstrução e reorientação, estando o nazismo ainda situado em um passado recente e próximo das experiências pessoais dos pesquisadores. O Holocausto, especificamente, adquiriu pouca relevância na produção historiográfica da Alemanha Ocidental, com os estudos sobre este tema gerando repercussões restritas na comunidade acadêmica e na sociedade até o final dos anos 1970.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Segundo o autor: “Os quinze ou vinte anos de “latência” que se seguiram à guerra para falar ou escrever sobre a Shoah, particularmente nos Estados Unidos, não devem ser equiparados exclusivamente à repressão massiva, ao contrário do cenário alemão. O silêncio não existia dentro da comunidade sobrevivente. Mantinha-se em relação ao mundo exterior e era muitas vezes imposto pela vergonha, a vergonha de contar uma história que devia parecer inacreditável e, em todo caso, totalmente desafinada com a sociedade circundante.” Traduzido do original: “The fifteen or twenty years of “latency” that followed the war in regard to talking or writing about the Shoah, particularly in the United States, should not be equated with massive repression exclusively, in contradistinction to the German scene. The silence did not exist within the survivor community. It was maintained in relation to the outside world and was often imposed by shame, the shame of telling a story that must appear unbelievable and was, in any case entirely out of tune with surrounding society.” (FRIEDLÄNDER, 1992, p. 47).

<sup>3</sup> Mesmo com a produção acadêmica derivada do julgamento de Eichmann, ocorrido em 1961, Kershaw aponta que o Holocausto gerou maior interesse social na Alemanha Ocidental apenas a partir de 1979. Com relação à Alemanha Oriental, Kershaw complementa: “Na RDA, também, o trabalho acadêmico sobre a perseguição aos judeus data efetivamente da década de 1960, embora a inclusão, na concepção marxista-leninista da história, do ódio racial na natureza da luta de classes e do imperialismo significasse que, até o revoltas de 1989, poucos trabalhos importantes especificamente sobre o Holocausto apareceram” Traduzido do original: “In the GDR, too, scholarly work on the persecution of the Jews effectively dates from the 1960s, though the subsuming, in the Marxist-Leninist conception of history, of race hatred within the nature of the class struggle and imperialism meant that down to the upheavals of 1989 few important works specifically on the Holocaust appeared.” (KERSHAW, 2008, p. 238)

Isso demonstra como o denominado *Stunde Null*, ou Hora Zero, que marcaria o fim do nazismo e o início de um novo governo alemão, não foi um evento restrito apenas a maio de 1945. O processo de reorganização e formulação de um novo sistema político, orientados e supervisionados pelas forças de ocupação aliadas, foi longo e complexo, sendo completado apenas em 1949 com o chanceler Adenauer. Nesse intervalo, a população alemã passou por diferentes processos, como o de desnazificação, os julgamentos dos criminosos de guerra, a reabilitação dos militares e outros procedimentos que visavam esclarecer o envolvimento popular com o nazismo em níveis individuais assim como garantir a transição a um modelo pacífico de sociedade.<sup>4</sup>

Ao adquirir autonomia política no começo da década de 1950, a nova administração, no entanto, rapidamente estabeleceu leis revertendo tais procedimentos, seja parcial ou por completo. Além de interromper a desnazificação, o governo alemão promoveu anistia aos criminosos de guerra, negociou o retorno de prisioneiros em outros países e ampliou a dispensa de penalidades aos membros do partido nazista, refletindo um desejo nacional de superar os efeitos da guerra que ainda subsistiam (FREI, 2002, p. 5). Essas iniciativas demonstram a intenção do governo e da sociedade em rejeitar o passado Nacional-Socialista ao mesmo tempo em que apontam para uma adoção de políticas oficiais com objetivos claros de ignorar ou diminuir a relevância de quaisquer abordagens que retomem esse tema.

Essa tendência também afetou o ambiente acadêmico, o que interferiu na escrita e recepção de novas análises. Assim como nos demais espaços sociais, os pesquisadores e professores precisaram passar pela desnazificação, a qual os impediu de exercer suas profissões temporariamente. Por isso, vários procuravam evitar qualquer produção intelectual antes da estabilização profissional.<sup>5</sup> Apesar de conseguirem se reintegrar, a sociedade como um todo buscava um “retorno à normalidade”, e poucos estavam dispostos a romper com a restauração para se envolver com uma pesquisa que era arriscada política e academicamente. Nenhum dos historiadores judeus de maior

---

<sup>4</sup> Para uma análise sobre esse período, ver a obra *Adenauer's Germany and the Nazi Past* de Norbert Frei (FREI, 2002).

<sup>5</sup> Como afirmado por Schulze em: “Com o trabalho dos tribunais de desnazificação ainda em curso, e com as carreiras profissionais ainda em jogo, ainda não foi possível iniciar uma análise cuidadosa das reações individuais e estratégias de sobrevivência.” Traduzido do original: “With the work of the denazification courts still in progress, and with professional careers still at stake, it was not yet possible to begin a careful analysis of individual reactions and survival strategies.” (SCHULZE, 1994, p. 24) Mesmo assim, segundo este autor, poucos historiadores alemães foram efetivamente impedidos de reassumir as suas posições, sendo a maior parte integrada sem grandes dificuldades (SCHULZE, 1994, p. 36).

relevância acadêmica, por exemplo, chegou a tratar do Holocausto até a década de 1960 (FRIEDLÄNDER, 1992, p. 48).

Isso não significa, no entanto, uma completa ausência de análises sobre o nazismo no imediato pós-guerra. Alguns pesquisadores, dentro e fora da Alemanha, observaram as características do governo alemão que destoavam dos parâmetros habituais da política na época. Por estarem inseridas em um contexto no qual predominava o silêncio, essas obras se destacam e refletem dois aspectos da sociedade acadêmica nesse período: a capacidade limitada de observação dos eventos recentes e os fundamentos teóricos da análise política.

Ou seja, em primeiro lugar, as obras produzidas pouco após 1945 não possuíam uma capacidade analítica aprofundada devido à simples ausência de tempo para processar a documentação existente. A ampla quantidade de material empírico disponível não era acompanhada de outros estudos que contribuíssem na orientação da pesquisa. Shirer descreve como os materiais adquiridos pelo exército norte-americano foram processados, mencionando documentos do governo alemão, transcrição de reuniões, registros dos interrogatórios dos membros do partido Nacional-Socialista, entre outros documentos oficiais:

As 485 toneladas de documentos do Ministério do Exterior alemão, capturadas pelo 1º Exército americano em vários castelos e minas nas montanhas Harz, justamente quando estavam prestes a serem queimadas por ordem de Berlim, abrangem não apenas o período do Terceiro Reich, mas recuam, passando pela República de Weimar, até o início do Segundo Reich de Bismark. Durante muitos anos, após a Segunda Guerra Mundial, toneladas de documentos nazistas permaneceram selados num depósito do exército norte-americano situado em Alexandria, Virgínia, sem que nosso governo demonstrasse qualquer interesse em abrir tais pacotes, a fim de ver que espécie de documentos de valor histórico poderiam conter. Finalmente, em 1955, dez anos depois de sua captura, graças à iniciativa da American Historical Association e à generosidade de duas instituições particulares, os documentos de Alexandria foram abertos, e um grupo lamentavelmente pequeno de eruditos, auxiliado por pessoal e equipamento inadequados, entregou-se à tarefa de selecioná-los e fotografá-los, antes que o governo, muito apressado em relação ao assunto, os restituísse à Alemanha. (SHIRER, 2017, p. 12)

Em segundo lugar, as pesquisas se fundamentavam na perspectiva política que era corrente da produção acadêmica desse período, a qual ressaltava os elementos encontrados no singular desenvolvimento da Alemanha no período contemporâneo. Os historiadores profissionais da década de 1940 e 50 foram formados, predominantemente, no final do século XIX e início do XX, possuindo inclinações teóricas e metodológicas

derivadas do pensamento historiográfico predominante. Isso contribuiu para que as primeiras pesquisas sobre o Nacional-Socialismo demonstrassem, também, uma tendência em abordar com maior profundidade o funcionamento das instituições do governo e, principalmente, da posição ocupada por Hitler no desenvolvimento dos acontecimentos.

Contudo, tais pesquisas permaneceram atípicas nos primeiros anos após a guerra. Aquelas que foram publicadas, por sua vez, encontravam um público pouco receptivo, tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele. Além disso, o enfoque na política e na organização institucional fez com que os temas relacionados à ideologia antisemita e ao envolvimento da população com o governo não fossem considerados nesses anos iniciais. Foi somente na década de 1960 que os primeiros estudos começaram a surgir em maior quantidade e com maior abrangência, impulsionados por uma sociedade que demonstrava sinais de superação do seu passado recente e interesse nos eventos que, até então, estavam sendo silenciados ou propositalmente ignorados. Autores como Mosse (MOSSE, 1998), Nolte (NOLTE, 1969) e Hilberg (HILBERG 2016) foram alguns dos primeiros a analisar a história do pensamento alemão e identificar as eventuais ramificações da cultura alemã antes da chegada do Nacional-Socialismo, refletindo a mudança no paradigma analítico da pesquisa histórica.

É sobre o período entre 1945 e 1960 que esta pesquisa se desenvolve. Partindo da percepção da complexidade do contexto sociopolítico da época, a presente análise busca observar algumas das características das obras produzidas nestes quinze anos e como o aspecto ideológico direcionou as interpretações existentes. Não apenas o conflito derivado da Guerra Fria interferiu diretamente sobre a escrita da história do Nacional-Socialismo, mas também as ideologias pessoais dos acadêmicos, sendo alguns deles afetados pessoalmente pelos eventos que procuravam estudar, contribuíram para a formação de determinadas interpretações.

Para alcançar este objetivo, são exploradas algumas obras de maior relevância juntamente com o posicionamento individual dos seus autores. Em um primeiro momento, serão observados dois acadêmicos britânicos que publicaram os seus estudos antes de 1945, Rohan Butler (BUTLER, 1941) e Alan Taylor (TAYLOR, 1962), cujas interpretações possuem numerosas características provenientes dos obstáculos de uma pesquisa limitada em aspectos empíricos e temporais. Em outras palavras, além de não terem acesso aos documentos oficiais do governo Nacional-Socialista, os autores também

analisavam acontecimentos que ainda estavam se desenvolvendo, sendo que muitos aspectos do nazismo seriam mais bem explorados e compreendidos apenas após o seu fim. O primeiro campo de extermínio, por exemplo, foi construído em dezembro de 1941, e as deportações dos judeus se iniciaram no início de 1942, após a publicação de alguns dos títulos existentes.

O objetivo nesta parte é voltado para a comparação das interpretações entre esses acadêmicos com os que serão abordados posteriormente na segunda parte do artigo. Enquanto as diferenças de acesso ao material empírico e do ano de publicação sejam elementos relevantes a serem considerados na sua análise, a característica de maior destaque seria a abordagem derivada da ideologia política de seus autores. Em outras palavras, os estudos de Butler e Taylor contribuem para demonstrar como as ideologias pessoais influenciaram as suas perspectivas, tornando mais evidente tal aspecto nos trabalhos de Meinecke e Ritter.

A segunda parte deste estudo é destinada para a análise dos livros publicados após 1945 provenientes de dois autores alemães: Friedrich Meinecke (MEINECKE, 1969) e Gerhard Ritter (RITTER, 1968). Ambos os acadêmicos eram figuras de destaque no cenário intelectual e político alemão, com carreiras e posições respeitadas nacionalmente e que, com o fim do nazismo, se viram na obrigação de se manifestar sobre os acontecimentos. Em suas obras, eles demonstram visíveis intenções de distanciamento do governo nazista e procuram isolá-lo a um pequeno grupo de partidários. Ao defenderem essa interpretação, eles pretendem diferenciar o Nacional-Socialismo da história alemã, assim como das ideias e valores tradicionais da Alemanha, na defesa da preservação de um nacionalismo tradicional.

Como tais autores interpretavam o nazismo e buscavam posicioná-lo na história da Alemanha indicava, às vezes de forma evidente, a sua própria inclinação pessoal na tentativa de ressaltar determinadas características do governo ou de se distanciarem de outras. Em alguns casos, certos aspectos foram silenciados por completo, tal como o antissemitismo e o Holocausto. A presença ou, mais comum de se identificar, a falta da história do genocídio dos judeus nas pesquisas dessa época é uma das características mais perceptíveis da historiografia sobre o Nacional-Socialismo nos primeiros anos após a Segunda Guerra.

Dessa forma, este estudo se destina a uma análise de uma seleção da historiografia produzida em um período de silêncio, incerteza e, não menos importante, de forte



influência ideológica. As obras exploradas são um reflexo das tendências observadas na maior parte da sociedade acadêmica e demonstram alguns dos obstáculos que foram encontrados pelos primeiros pesquisadores ao analisar o nazismo. Ao mesmo tempo, elas foram produzidas em um contexto que, predominantemente, não estava interessado nesse passado, o qual o próprio governo alemão se esforçava para não mencionar. Devido a isso, tais obras contribuem para a compreensão de um período de reorientação acadêmica no qual foram escritas juntamente com a sua visão sobre o nazismo.

### A historiografia antes de 1945

Apesar da Segunda Guerra Mundial ainda estar em andamento e o Holocausto não ter sido desenvolvido em toda a sua extensão, alguns pesquisadores demonstraram interesse na história da Alemanha e procuraram explicar as origens do movimento nazista. A interpretação de Butler em *The Roots of National Socialism, 1783-1933* (BUTLER, 1941) realiza esta atividade ao abranger as principais ideologias que possibilitaram a chegada do nazismo ao poder. O autor aponta que todos os elementos que compõem o pensamento político do Nacional-Socialismo estavam presentes no passado alemão em maior ou menor medida, possibilitando que esse governo fosse formado sobre fundações previamente estabelecidas. Segundo essa perspectiva, a história da Alemanha, desde a sua unificação até a República de Weimar, tem expressado as correntes de pensamento que iriam formar os princípios do nazismo, não sendo, dessa forma, original ou inédito:

Pois quando a teoria do Nacional-Socialismo é visto em relação ao pensamento político alemão no último século e meio, é visto como material obsoleto e adulterado. Seria um trabalho infrutífero para dissecar a túrgida falta de originalidade de Adolf Hitler e Alfred Rosenberg, e de sua companhia menor, Gunther em teoria racial, Darre na agricultura e Feder na economia. A ênfase e a apresentação talvez sejam novos, mas o conteúdo é pouco mais do que repetição. A exaltação do líder heróico remonta a Moeller van den Bruck, Spengler, Lamprecht, Chamberlain, Nietzsche, Lassalle, Rodbertus e Hegel, de volta ao *Zwingerherr zur Deutschheit* de Fichte. O mito racial é apenas a última edição de Spengler, Chamberlain, Lagarde, Duhring, Schemann, Wagner, Gobineau, e os prenúncios de Görres, Arndt e Jahn. (BUTLER, 1941, p. 276)<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Traduzido do original: “For when the theory of national-socialism is viewed in relation to German political thought of the last century and a half it is seen to be stale stuff, stale and adulterated. It would be penance without profit to dissect the turgid unoriginality of Adolf Hitler and Alfred Rosenberg, and of their lesser company, Gunther in racial theory, Darre in agriculture, and Feder in economics. The stress and presentation are novel perhaps, but the matter is hardly more than repetition. The exaltation of the heroic leader goes back through Moeller van den Bruck, Spengler, Lamprecht, Chamberlain, Nietzsche, Lassalle, Rodbertus and Hegel, back to Fichte’s *Zwingerherr zur Deutschheit*. The racial myth is only the latest edition of Spengler, Chamberlain, Lagarde, Duhring, Schemann, Wagner, Gobineau, and the adumbrations of Görres, Arndt and Jahn.”.

Para o autor, haveria uma continuidade histórica das ideologias que formariam a base do Nacional-Socialismo, fazendo com que o desenvolvimento da Alemanha como nação ocorresse paralelamente com o pensamento político que enfatizava o poder do estado, o militarismo e o expansionismo. Devido à história da ideologia e da cultura política alemã, esse país estaria se desenvolvendo de forma distinta das demais democracias liberais europeias, sendo mais próximo de um modelo autoritário ditatorial em razão da sua estrutura política ser estabelecida no governo monárquico e em uma nobreza fundiária (BUTLER, 1941, p. 213).

Taylor, por sua vez, parte de uma perspectiva distinta de Butler. No livro *The Course of German History* (TAYLOR, 1962), publicado inicialmente em julho de 1945, o autor realiza uma análise predominantemente política da história da Alemanha desde o século XVII, não abordando as ideias ou ideologias que circulavam nesse mesmo período. Ao enfatizar o desenvolvimento dos acontecimentos políticos, como o período de unificação (TAYLOR, 1962, p. 99) e a crise do Hohenzollern (TAYLOR, 1962, p. 155), Taylor procura demonstrar que a história moderna alemã é um desenvolvimento de conflitos internos que estavam presentes desde a unificação do país. Tais divergências políticas teriam sido determinantes, segundo o autor, para que a Alemanha buscasse se expandir territorialmente, conquistando e dominando outros países para satisfazer as suas ambições militares (TAYLOR, 1962, p. 8).

Ou seja, os principais aspectos que influenciaram a chegada dos nazistas ao poder não seriam correntes de pensamento previamente existentes na Europa ou na Alemanha. Para o autor, o fator que direcionou as políticas militaristas que levaram à Segunda Guerra foi o percurso de acontecimentos históricos no campo político nacional e internacional.<sup>7</sup> A predominante presença do autoritarismo na história da política alemã a tornaria mais tendenciosa a rejeitar formas democráticas de governo, da mesma forma que a cultura militarista legitimaria a conquista territorial.

Dessa forma, o autor apresenta, em uma perspectiva geral, a interpretação de que a história alemã foi marcada pela divisão. Para Taylor, desde a formação dos Estados alemães após o fim do Sacro Império Romano-Germânico, a Alemanha não possuiu unidade territorial ou política completa antes da chegada dos nazistas. Mesmo considerando a formação do *Reich* de Carlos Magno e a continuidade dessa organização

---

<sup>7</sup> Não apenas o antissemitismo e o racismo, mas outras ideologias, como o Romantismo profundamente explorado por Butler (BUTLER, 1941, p. 23), foram ignoradas quase que completamente por Taylor.



na Europa, o império coexistia com a liberdade dada aos Estados, os quais chegaram, às vezes, a serem hostis à existência da unificação imperial (TAYLOR, 1962, p. 15). Nessa visão, a Alemanha, desde a sua origem, se manteve um conjunto de governos regionais independentes.

Com o Nacional-Socialismo, no entanto, foi possível atingir a homogeneidade cultural e a formação da unidade política, tanto no sentido territorial como no político. Taylor, neste momento, descreve que o antissemitismo se configurou como um instrumento para formar tal unificação, sem abordar a ideologia existente anteriormente ou como esse pensamento conseguiu ser absorvido pela sociedade como uma justificativa legítima para esse propósito. Para o autor, essa ideologia foi utilizada pelos nazistas como uma ferramenta de construção da unidade nacional, sendo o radicalismo racial pouco mais do que uma prova do sucesso na solidificação da homogeneidade social:

Uma parte da mobilização emocional, uma relíquia do descartado programa nacional-socialista, foi o antissemitismo, a marca de todos os movimentos nacionalistas. No início, o antissemitismo era uma saída fácil para o socialismo vago da base nacional-socialista, a destruição de lojas judaicas um substituto vistoso para a mudança social. Como sempre, o antissemitismo era o socialismo dos tolos. Mas logo veio a servir a um propósito mais sinistro. Os judeus tornaram-se os objetos indefesos sobre os quais milhões de alemães exerceram pela primeira vez a brutalidade essencial para que a Alemanha dominasse toda a Europa. Eles eram o campo de prática, a escola de treinamento de batalha, para as virtudes nórdicas, que mais tarde encontrariam sua plena expressão na Polônia, na França e na Rússia ocupada. O grande *pogrom* de novembro de 1938, após a vitória de Munique, foi o teste de mobilização do moral alemão. Se os alemães tinham estômago para isso, eles podiam suportar qualquer coisa. Nenhuma voz de protesto foi levantada, em nenhum caso uma Igreja Cristã, seja Católica Romana ou Protestante, abriu suas portas para os judeus em refúgio, nenhum bispo alemão colocou a estrela de Davi. Os alemães passaram no teste com louvor: eles estavam de fato unidos. (TAYLOR, 1962, p. 216)<sup>8</sup>

Observando as duas obras apresentadas, assim como outras escritas neste mesmo período, é possível identificar que compartilham duas características principais. A

<sup>8</sup> Traduzido do original: “One part of the emotional mobilization, a relic of the discarded National Socialist programme, was anti-Semitism, stock-in-trade of every nationalistic movement. In the beginning, anti-Semitism was an easy outlet for the vague socialism of the National Socialist rank-and-file, the destruction of Jewish shops a showy substitute for social change. As always, anti-Semitism was the socialism of fools. But it soon came to serve a more sinister purpose. The Jews became the helpless objects on which millions of Germans first exercised the brutality essential if Germany was to dominate all Europe. They were the practicing ground, the battle-training school, for the Nordic virtues, which were later to find their full expression in Poland, in France, and in occupied Russia. The great pogrom of November 1938, following hard on the victory of Munich, was the test mobilization of German morale. If the Germans could stomach that, they could stomach anything. No voice of protest was raised, in not one instance did a Christian Church, whether Roman Catholic or Protestant, open its doors to the Jews in refuge, no German bishop put on the star of David. The Germans had passed the test with flying colours: they were indeed united.”

primeira delas seria a generalização da sociedade alemã e a homogeneidade da história política da Alemanha na formação de suas interpretações. Considerando que ambas as obras analisadas foram escritas no início da Segunda Guerra por acadêmicos britânicos, torna-se claro que os objetivos dos autores estavam voltados a apresentar uma crítica aos conflitos iniciados pelos nazistas, os quais seriam, segundo a sua interpretação, derivados de tendências e características históricas. Uma vez que buscam identificar os motivos que possibilitaram tais acontecimentos, Butler e Taylor interpretam que o nazismo estaria derivado diretamente dos fundamentos ideológicos e políticos da Alemanha.<sup>9</sup>

A segunda característica desses estudos seria a falta de conhecimento do objeto abordado. Uma vez que os eventos históricos estavam em desenvolvimento quando os seus autores produziram tais pesquisas, essas análises apresentam um quadro incompleto e, com relação ao antissemitismo, falho na percepção da dimensão do espaço que o preconceito preenchia na mentalidade do partido nazista. Em seu lugar, ambos destacam os elementos da história política alemã que contribuíram para sustentar o Nacional-Socialismo, apontando continuidades e conexões que podem parecer, em alguns casos, superficiais. Apesar das diferenças existentes, todos procuraram apontar a continuidade na estrutura social e ressaltaram a existência de ideologias ou tendências políticas na Alemanha que influenciaram na chegada do nazismo ao poder.

No entanto, a ênfase nas ideologias e nos acontecimentos políticos acarreta uma interpretação que fica aparentemente restrita, formando uma linearidade histórica com pouco espaço destinado às divergências ou resistências. Butler reconhece que tais tendências históricas não abrangem outros fatores de efeito mais imediato sobre a população e que caracterizaram o início do século XX. A crise econômica, os conflitos políticos e a própria personalidade de Hitler são considerados pelo autor como elementos que também tiveram relevância para o início do governo nazista, fazendo com que os ramos ideológicos tivessem a sua pertinência relativizada dentro de um contexto social

---

<sup>9</sup> Apesar de Butler e Taylor abordarem o antissemitismo de forma superficial, outros autores contemporâneos se aprofundaram nesse tema específico, mas mantendo a mesma tendência interpretativa da continuidade histórica. Neumann, por exemplo, também reflete essa interpretação, afirmando que: “Com exceção de Lessing, Goethe, Schelling e Hegel, quase todos os grandes poetas e pensadores da Alemanha, mesmo que não fossem antissemitas declarados, muitas vezes demonstravam inconscientemente sentimentos antissemitas que contrastavam fortemente com as filosofias humanitárias que defendiam.” Traduzido do original: “With the exception of Lessing, Goethe, Schelling, and Hegel, nearly all the great poets and thinkers of Germany, even if they were not outspoken Anti-Semites, often unconsciously betrayed Anti-Semitic sentiments that contrasted sharply with the humanitarian philosophies they advocated.” (NEUMANN, 1966, p. 109).

imediatos.<sup>10</sup> Taylor, por sua vez, estabelece uma visão demasiadamente uniforme da sociedade alemã, ignorando resistências individuais ou demais reações em um período particularmente complexo da história da Alemanha. Além desses elementos, nenhum dos dois explorou o antissemitismo como ideologia com profundidade antes da chegada do Nacional-Socialismo ou durante o seu governo.

Isso não significa, no entanto, que a historiografia alterou a sua perspectiva para uma análise mais aprofundada assim que o nazismo foi derrotado. Mesmo com o conhecimento do Holocausto, os pesquisadores não exploraram as questões relativas à ideologia antissemita ou ao extermínio dos judeus de forma imediata. Pelo contrário, muitos buscavam se afastar de qualquer envolvimento e, quando escreviam sobre a história recente alemã, buscavam enfatizar a singularidade do Nacional-Socialismo, rejeitando qualquer perspectiva de continuidade histórica ou relação entre o governo e a sociedade alemã.

### **A historiografia após 1945**

As primeiras análises da história do Nacional-Socialismo encontraram alguns obstáculos e questões que permaneceriam presentes na historiografia posterior. Apesar de não serem numerosos, os trabalhos publicados antes de 1960 demonstravam as dificuldades de observar de forma crítica o nazismo e o Holocausto e, a partir de uma análise acadêmica, elaborar uma explicação histórica para os eventos. Ao mesmo tempo, o período do imediato pós-guerra e início da Guerra Fria apresentavam outras questões mais imediatas, como a reconstrução da Alemanha e o início do conflito entre os países ocidentais contra a União Soviética, as quais interferiam na abordagem de um passado que se buscava, naquele momento, esquecer.

Dois historiadores alemães refletem essa tendência. Suas obras, publicadas pouco após 1945, apresentam uma interpretação de rejeição ao Nacional-Socialismo não apenas

---

<sup>10</sup> Butler afirma que, apesar das crises existentes na Alemanha no final da década de 1920, a população em geral não interagiu com pensamentos políticos de forma intensa ou aprofundada. O desenvolvimento ideológico da política nesse período, apesar de existente, estava restrito à setores sociais restritos, dificultando a percepção de como seus efeitos poderiam ser observados em maior escala: “Na Alemanha, assim como em outros países, foi a vida cotidiana e seus problemas urgentes, não a teoria política, que atraiu a atenção de muitos. [...] Mas, afinal, é provavelmente impossível determinar o que o grosso da população realmente pensava sobre os grandes problemas políticos, se é que pensava.” Traduzido do original: “In Germany as in other countries it was everyday life and its urgent problems, not political theory, that engaged the attention of the many. [...] But, after all, it is probably impossible to determine what the bulk of the population really thought of major political problems, if they thought at all.” (BUTLER, 1941, p. 279).

em princípios morais, mas também de continuidade na história política. Segundo eles, o governo nazista representou um desvio no desenvolvimento nacional alemão, distorcendo os valores tradicionais e, portanto, não correspondendo com a verdadeira natureza ou cultura dos habitantes desse país. Na procura por restaurar o nacionalismo tradicional, Hitler foi colocado como o centro do qual o Nacional-Socialismo se originou e o principal direcionador das políticas desse governo, incluindo o antissemitismo, praticamente eximindo a sociedade como um todo de participação.

No estudo de Meinecke, *The German Catastrophe* (MEINECKE, 1969) escrito em 1945 e publicado em 1946, fica bastante aparente a procura do autor de remover o governo Nacional-Socialista da continuidade da história da Alemanha. O início da obra já apresenta os principais argumentos que serão desenvolvidos ao longo do seu trabalho: inicialmente, o nazismo teve origens em um modelo político autoritário que existia na Europa de forma regular para, em segundo lugar, defender que a Alemanha estaria desequilibrada em níveis morais e culturais, permitindo com que o nazismo fosse formado:

O Nacional-Socialismo de Hitler, que nos trouxe diretamente a esse abismo, não é um fenômeno derivado apenas das forças evolutivas alemãs, mas também tem certas analogias e precedentes nos sistemas autoritários dos países vizinhos, por mais horripilantemente peculiar que o nazismo se apresente como um exemplo de degeneração da personalidade alemã. (MEINECKE, 1969, p. 1)<sup>11</sup>

A principal crise alemã, portanto, não era derivada de fatores políticos ou econômicos. Para Meinecke, os alemães passavam por um período de instabilidade espiritual após a derrota na Grande Guerra, impulsionado também pelo impacto da modernidade sobre a sociedade que havia gerado um forte racionalismo sem um contraponto que fornecesse equilíbrio (MEINECKE, 1969, p. 51). O autor aponta o período de Goethe como sendo o ápice da cultura que foi perdido<sup>12</sup> e, em seu lugar, as massas estariam sendo influenciadas para apoiar o nazismo:

<sup>11</sup> Traduzido do original: “Hitler’s National Socialism, which brought us directly to this abyss, is not a phenomenon deriving from merely German evolutionary forces, but has also certain analogies and precedents in the authoritarian systems of neighboring countries, however horribly peculiar Nazism presents itself as an example of degeneration in the German character.”

<sup>12</sup> Diversas passagens escritas por Meinecke expressam a sua reverência pelo passado alemão representado por Goethe. O autor estabelece esse indivíduo como símbolo maior da intelectualidade e da cultura nacional, desconsiderando outros pensadores ou ideologias, podendo ser ilustrado com: “Não devemos sempre ficar chocados com a queda vertiginosa das alturas da era Goethe para os pântanos do período de Hitler? Apaixonadamente nós alemães nos perguntamos como isso foi possível dentro da mesma nação.” Traduzido do original: “Must we not always be shocked at the precipitous fall from the heights of the Goethe era to the swamps of the Hitler period? Passionately we Germans ask ourselves how this was possible within the selfsame nation.”

Só o quadro geral de um desenvolvimento que vai da cultura de poucos à incultura das massas pode explicá-lo. Não pode ser explicado pelas peculiaridades individuais do desenvolvimento alemão, nem mesmo pelas circunstâncias históricas únicas, eventos e decisões que em pontos claros e definidos talvez tenham determinado definitivamente seu curso. (MEINECKE, 1969, 53)<sup>13</sup>

Uma vez que Meinecke afirma que Hitler não representava os valores alemães, assim como defende que a sociedade alemã estava desequilibrada espiritualmente, ele procura delinear quais os princípios apresentados pelos nazistas que visavam responder às questões presentes naquele contexto. Em sua tentativa de explicar o motivo pelo qual ocorreu o apoio ao Nacional-Socialismo, o autor identifica quais eram as propostas existentes para solucionar a crise de desarmonia social. Em um capítulo intitulado “Os elementos positivos do hitlerismo” (MEINECKE, 1969, 70), Meinecke afirma que a busca pela união social e superação das divergências na formação de uma nova comunidade renovada foram as principais ideias que proporcionavam maior interesse na população:

Ele, portanto, apoderou-se da ideia de que a criação de uma nova comunidade *folk* frutífera que não precisava se basear na vitória unilateral de uma ou outra das forças sociais que lutavam entre si – que os agrupamentos naturais da sociedade não precisam ser destruídos sem cerimônia – mas que eles devem ser orientados e educados para servir a uma comunidade que incluía todos eles. O empreendimento de Hitler parecia prometer mais continuidade com as tradições e valores da cultura burguesa existente do que o novo edifício radical do bolchevismo. Com essa ideia, ele subornou um amplo círculo de cidadãos. (MEINECKE, 1969, p. 72)<sup>14</sup>

Mesmo reiterando a sua rejeição ao nazismo e enfatizando a divergência entre esse partido e a população alemã, o autor falha em abordar um dos principais aspectos deste governo: o Holocausto. O extermínio dos judeus não é mencionado em toda a extensão da obra, apesar do antissemitismo estar presente como uma ideologia do nazismo e a publicação do livro ocorrer após o final da guerra. Para o autor, mesmo que já existente, o preconceito contra os judeus adquiriu maior dimensão no Terceiro Reich devido à agência de Hitler e da propaganda do seu partido, servindo como ferramenta ideológica

<sup>13</sup> Traduzido do original: “Only the general picture of a development which leads from the culture of the few to the unculture of the masses can explain it. It cannot be explained by the individual peculiarities of the German development, nor even by the unique historical circumstances, events, and decisions which at clear and definite points have perhaps definitely determined its course.”

<sup>14</sup> Traduzido do original: “He therefore seized upon the idea that the creation of a new fruitful folk community need not rest upon the one-sided victory of the one or the other of the social forces contending against one another — that the natural groupings of society did not have to be unceremoniously destroyed — but that they must be steered around and educated to serve a community which included them all. Hitler’s undertaking seemed to promise more continuity with the traditions and values of the existing bourgeois culture than the radical new edifice of bolshevism. With this idea he bribed a wide circle of citizens.”

para ganhar o apoio das massas. O medo seria o fator mais relevante da propaganda, estando presente na sociedade europeia em diferentes formas e compondo a mentalidade coletiva na virada do século (MEINECKE, 1969, p. 91)<sup>15</sup>.

Nessa interpretação, o Holocausto, além de ausente, é atribuído indiretamente à responsabilidade exclusiva de Hitler. Ele teria usufruído de um preconceito antigo e deturpado a Alemanha para realizar os seus objetivos pessoais, utilizando de seu carisma e de sua personalidade para adquirir seguidores, mas sem, em momento algum, representar os alemães.<sup>16</sup> Meinecke não explora o antisemitismo na história alemã e não aborda as suas eventuais raízes ideológicas, mas aponta para uma negação de sua existência no pensamento moderno do país.

Ritter, no livro *Xeque-mate ao ditador* (RITTER, 1968) publicado em 1954, adota uma perspectiva semelhante. Esta obra apresenta interpretações bastante similares à anterior em seus argumentos e objetivos, buscando remover o Nacional-Socialismo da história alemã ao mesmo tempo em que procura resgatar os valores nacionais tradicionais desse país. Para isso, Ritter, da mesma forma que Meinecke, atribui as origens do nazismo ao contexto político internacional, assim como confere a chegada desse partido ao governo quase que exclusivamente à Hitler.

Com relação ao primeiro argumento, o autor aponta a instabilidade social derivada da modernidade como uma causa essencial para o Nacional-Socialismo. Assim como

<sup>15</sup> Como afirma em: “O hitlerismo, por outro lado, trouxe de repente no mercado mundial um novo artigo de exportação que tinha técnicas refinadas e rapidamente adaptáveis a todos os países. A matéria-prima deste artigo consistiu em certo grau de ideologia racial com seu ponto central de ódio contra os judeus. Disto já havia uma certa quantidade em cada país, ou poderia ser estimulado. Mas o refinamento dessa matéria-prima ocorreu na organização hierárquica nazista. Visava conquistar as massas e satisfazer seu instinto de quase-idéias; despertou em toda parte a ambição dos homens de se tornarem pequenos *Führers* e oferecia o mais alto gozo do poder e todos os benefícios desejados como privilégio de uma pequena elite de animais de rapina humanos. Quando a ideologia racial e o ódio aos judeus eram um tanto ineficazes como matéria-prima para as necessidades das massas, alguma outra ideologia, engendrada por teóricos ou seitas, poderia substituí-la e ser devidamente estimulada.” Traduzido do original: “Hitlerism, on the other hand, suddenly brought forward in the world market a new export article which had refined techniques that were quickly adaptable to every country. The raw material of this article consisted to a certain degree of racial ideology with its central point of hatred against the Jews. Of this there was already a certain amount in every country, or it could be stimulated. But the refining of this raw material took place in the Nazi hierarchical organization. It aimed at winning the masses and satisfying their instinct for quasi-ideas; it stirred up everywhere the ambition of men to become little *Führers* and offered the highest enjoyment of power and every desired benefit as the privilege of a small elite of human beasts of prey. When the racial ideology and hatred of the Jews was somewhat ineffective as raw material for the needs of the masses, some other ideology, hatched by theorists or sects, could be substituted for it and duly pumped up.”

<sup>16</sup> A dissociação entre Hitler e a sociedade alemã realizada por Meinecke pode ser identificada nos termos utilizados para descrever o líder do nazismo. O autor descreve Hitler com diversos adjetivos que se destacam pela linguagem atípica, utilizando termos como “profano” (MEINECKE, 1969, p. 58) ou “demoníaco” (MEINECKE, 1969, p. 59), na sua procura por explicar o Nacional-Socialismo através da remoção desse governo do desenvolvimento histórico alemão.



Meinecke, Ritter ressalta que esse fenômeno não foi restrito à Alemanha e atingiu também outros países, através do surgimento do partido único e do totalitarismo como respostas às crises do período moderno. Um dos principais efeitos da modernidade sobre a organização social seria a formação das massas, as quais seriam facilmente mobilizadas e controladas, possibilitando a superação do governo parlamentar e do sistema democrático (RITTER, 1968, p. 21).

Em seu segundo argumento, Ritter estabelece Hitler como o principal indivíduo que dominou e direcionou as massas para chegar ao poder.<sup>17</sup> Ao explorar as diversas crises pelas quais a Alemanha passava, Hitler teria apresentado soluções que abrangiam diferentes camadas sociais e, mesmo sendo superficiais, tais propostas estimulavam o patriotismo e a união social (RITTER, 1968, p. 23). No entanto, Ritter enfatiza a afirmação de que a população alemã foi enganada, não sendo possível identificar com facilidade as tendências autoritárias ou violentas antes de 1933: “Mas Hitler conhecia seus alemães: escondeu bem e não deixou transparecer claramente o caráter revolucionário – para não dizer ilegítimo – apesar de toda a aparência de legalidade da qual se cercou na posição de Führer.” (RITTER, 1968, p. 24).

Ambos os objetivos de Ritter são derivados da sua intenção de dissociar os ideais alemães do governo nazista. Em seu estudo, o autor realiza um ensaio biográfico de Carl Goerdeler, ex-prefeito de Leipzig e líder do atentado a assassinato de Hitler em 1944, no que ficou conhecido como Operação Valquíria. Para Ritter, a história de Goerdeler seria reflexo da incompatibilidade entre o nazismo e a Alemanha, além de demonstrar a insatisfação das camadas tradicionais do exército prussiano que não se identificavam com o governo ou com os seus objetivos (RITTER, 1968, p. 21). Segundo o autor: “Goerdeler era o herdeiro espiritual desse liberalismo que nasceu na época clássica do idealismo alemão, representado por um Kant, um Humbolt, um Stein, passando por um Dahlmann e um Droysen.” (RITTER, 1968, p. 3).

Em sua obra, Ritter destaca como diversas camadas sociais buscavam resistir aos nazistas, formando um quadro interpretativo que evidencia a rejeição por parte considerável da população. Não apenas a oposição política dos socialistas (RITTER, 1968, 29) ou religiosa das igrejas (RITTER, 1968, 43), mas também em valores como a

---

<sup>17</sup> A linguagem utilizada por Ritter também se assemelha à de Meinecke, através do uso de palavras incomuns e que demonstram um engajamento pessoal dos autores na escrita de seus estudos, como pode ser visto em: “O que teriam ganho a Alemanha e o mundo se o regime de Hitler houvesse sido derrubado por forças que lhe eram, de uma maneira ou de outra, idênticas? Isto não teria outro significado que a eliminação de Satã por Belzebu.” (RITTER, 1968, p. 13).

da burguesia (RITTER, 1968, 59) e dos soldados (RITTER, 1968, 69) são apresentados como exemplos da incompatibilidade entre o partido com a sociedade. Com relação à burguesia, por exemplo, o autor afirma:

Se pretendemos reduzir a um denominador comum os grupos da oposição da burguesia, quaisquer que fossem os partidos de onde eles provinham, pode-se, em todos os casos, afirmar o seguinte: Todos os membros, em razão da sua formação, possuíam, em si, a consciência de uma obrigação moral em relação ao passado da Alemanha. Em uma palavra, eles não queriam que fosse feito mau uso das melhores tradições da Alemanha e da Prússia, que elas fossem alteradas, falsificadas, prostituídas, e, ainda menos, reduzidas ao nada. (RITTER, 1968, p. 59)

Nesta obra, o Holocausto novamente não é abordado. Mesmo sendo publicado quase uma década após o fim da guerra, Ritter não identifica o antissemitismo como um elemento de análise na medida em que se concentra na oposição ao Nacional-Socialismo e na figura de Goerdeler. Enquanto Meinecke reconhece, de forma limitada, a presença da ideologia antissemita no nazismo, Ritter não abrange esse tema e nem os seus efeitos sobre a política nazista. Ambos os autores desenvolvem as suas observações partindo de elementos morais e valores culturais que julgam serem representativos da sociedade alemã, mas não consideram o antissemitismo como um dos elementos a serem rejeitados do Nacional-Socialismo.

Para eles, o principal objetivo não era analisar as políticas do Nacional-Socialismo ou se aprofundar na ideologia do partido. Aparentemente, também não estavam interessados em considerar as eventuais conexões entre a sociedade e o nazismo, seja por motivos ideológicos, econômicos ou políticos. Apesar de ressaltar a incompatibilidade do nazismo e a incoerência de seus valores com o espírito alemão, os autores não questionam os motivos para a longa duração desse governo, assim como não exploram as alianças e escolhas políticas feitas pelas elites, como von Papen e Hindenburg, para a nomeação de Hitler como chanceler.

Em outras palavras, os autores não respondem o motivo pelo qual um governo, que seria fortemente discrepante com a essência moral alemã, conseguiu chegar ao poder. Além de permanecer no governo por doze anos, o Nacional-Socialismo conseguiu iniciar uma nova guerra mundial juntamente com a efetivação de um projeto de extermínio racial, envolvendo diversas instituições e indivíduos em suas numerosas etapas. Ao apontar a responsabilidade inteiramente a Hitler, ambos buscam eximir a sociedade de responsabilidade em tais políticas, caracterizando o movimento como uma distorção ou

uma falha no percurso histórico. Finchelstein aponta a imprecisão desse tipo de interpretação, afirmando que:

Mais amplamente, a apresentação desses líderes como enganadores ridículos, uma ideia concentrada em seu estilo e não no conteúdo ideológico racista e profundamente violento de suas mensagens, revelou-se uma distração das consequências reais de suas práticas e políticas. Essa concepção errônea dos líderes fascistas como doentes mentais também funcionou, imprecisamente, para separar os líderes “anormais” de seus seguidores, supostamente confusos, porém sãos. E dissociou a ideologia política, incluindo o racismo e o antissemitismo, assim como as mentiras fascistas, da análise política, resultando numa incapacidade e criar uma oposição clara e eficaz contra as agendas desses líderes. (FINCHELSTEIN, 2020, p. 144)

As perspectivas dos autores apontam para um conjunto de elementos ideológicos e políticos que formam um quadro mais complexo da configuração da historiografia e dos historiadores na Alemanha após a guerra. Assim como outros acadêmicos, Meinecke e Ritter eram opositores do nazismo. A sua busca pela restauração da identidade alemã nas obras abordadas é reflexo de sua crença pessoal em determinados valores essenciais inerentes à cultura nacional. No entanto, eles compartilhavam de diversos aspectos defendidos pelos nazistas, como o nacionalismo, o militarismo e o conservadorismo que seriam algumas das características ideológicas presentes nos círculos acadêmicos no início do século XX (SCHULZE, 1994, p. 27).

Meinecke pode ser incluído nesse conjunto de pesquisadores que, apesar de rejeitar o Nacional-Socialismo, demonstrou proximidade com algumas ideias do partido. A sua objeção, por exemplo, não se fundamentava em princípios democráticos. Pelo contrário, Meinecke criticava a participação popular na política e apontava as massas como responsáveis pelo nazismo.<sup>18</sup> Tal interpretação não se alterou após 1945 e pode ser identificada na obra *The German Catastrophe* (KNUDSEN, 1994, p. 55). O autor, na sua busca por resgatar o liberalismo clássico alemão do século XIX, permaneceu defensor de uma forma autoritária de governo, na qual uma monarquia tradicional tinha autoridade sobre o parlamento e a sociedade não possuía igualdade de direitos políticos (KNUDSEN, 1994, 63). Em outros aspectos, ele demonstrou posições igualmente problemáticas:

Em suas cartas de 1933 a 1945 há de fato pontos inquietantes. Eles dizem respeito aos seus esforços contínuos para manter relações cordiais com indivíduos que se

<sup>18</sup> De acordo com Knudsen: “Os comentários sobre a política de massa trouxeram consigo uma nascente teoria do totalitarismo - a democracia foi o trampolim para o nazismo e o totalitarismo bolchevique.” Traduzido do original: “The comments about mass politics brought with it a nascent theory of totalitarianism - democracy was the springboard to Nazism and Bolshevik totalitarianism.” (KNUDSEN, 1994, p. 68).

aliaram ao regime, como Karl Alexander von Müller e Heinrich von Srbik; comentários sobre o ressentimento dos emigrados; declarações que revelam antissemitismo cultural e racismo; e comentários sobre o esforço de guerra que expressam entusiasmo patriótico pelas vitórias militares, um antibolchevismo continuado e até mesmo uma aceitação de anexações e império em relação a Estrasburgo e ao Leste. (KNUDSEN, 1994, 65)<sup>19</sup>

Ritter era, em muitos aspectos, semelhante à Meinecke. Também pertencente a uma classe intelectual de ideologia nacionalista conservadora, Ritter fez uma oposição mais expressiva do que o acadêmico anterior, mas também evitando confrontos diretos com o partido (SCHWABE, 1994, p. 87). Assim como Meinecke, Ritter não era defensor dos valores democráticos. Enquanto o seu nacionalismo era distinto do expressado pelos nazistas, a sua posição se mantinha autoritária e via com negatividade o envolvimento das massas na política. Devido à participação da população em grande escala, o nazismo foi capaz de explorar e manipular a sociedade com propaganda e discursos que permitiram a chegada do totalitarismo (SHWABE, 1994, p. 88).

Torna-se evidente, portanto, que Meinecke e Ritter buscam resgatar um conjunto de características morais e de valores tradicionais alemães anteriores ao nazismo. Para atingir esse objetivo, os autores ignoram ou se distanciam de numerosos elementos do governo nazista, dentre eles o Holocausto. Uma vez que não abordam a ideologia do partido ou questionam sobre o apoio popular, as eventuais relações entre a sociedade e o Nacional-Socialismo permaneceram silenciadas. Essas questões aparentemente foram ignoradas pelos pesquisadores dessa época e permaneceram sem serem abordadas até a década de 1960.

### **Conclusão: um silêncio proposital?**

As obras de Meinecke e de Ritter demonstram a tendência predominante da historiografia alemã no imediato pós-guerra com relação ao Nacional-Socialismo e ao Holocausto. Os pesquisadores deste período possuíam as suas próprias convicções políticas e, além disso, estavam inseridos em um contexto em que o passado recente alemão era silenciado ou afastado como política oficial e em um nível institucional. As poucas abordagens existentes, dentre as quais se destacam os títulos mencionados, se

<sup>19</sup> Traduzido do original: “In his letters from 1933 to 1945 there are indeed disquieting points. They concern his continued efforts to maintain cordial relationships with individuals who had allied themselves to the regime, such as Karl Alexander von Müller and Heinrich von Srbik; remarks about the resentment of the emigres; statements that reveal cultural anti-Semitism and racism; and comments about the war effort that express patriotic enthusiasm for the military victories, a continued anti-Bolshevism, and even an acceptance of annexations and empire with respect to Strasbourg and the East.

destinavam a afirmar a descontinuidade do desenvolvimento nacional causada pelo Nacional-Socialismo, ignorando análises sociais ou ideológicas do governo nazista. Estes temas, por sua vez, já tinham sido explorados por outros acadêmicos anteriormente, como demonstrado nas obras de Butler e Taylor, o que torna mais perceptível a sua ausência nas pesquisas dos historiadores alemães realizadas após o fim da guerra. Um dos principais motivos para tal discordância interpretativa seria a ideologia pessoal desses autores.

Meinecke e Ritter, assim como outros acadêmicos alemães, adotavam uma teoria e metodologia de pesquisa histórica que não se adaptaram para abordar o nazismo em toda a sua extensão e profundidade, mantendo os princípios de análise do final do século XIX (KERSHAW, 2000, p. 7).<sup>20</sup> Ao mesmo tempo, o Nacional-Socialismo defendia determinados valores tradicionalistas que estavam presentes em tais intelectuais, facilitando, em alguns casos, para que os acadêmicos apoiassem o regime em seus anos iniciais:

Embora nenhum professor titular de história nas universidades alemãs tenha sido membro do partido nazista antes de Hitler chegar ao poder, a profissão histórica - não muito diferente de todas as outras profissões então na Alemanha - capitulou ao novo regime rapidamente, prontamente, e até com entusiasmo. A partir de então, os historiadores começaram a demonstrar sua lealdade juntando-se ao partido Nacional-Socialista. (DAWIDOWICZ, 1981, p. 48)<sup>21</sup>

Ao retornar aos seus trabalhos e funções, o seu posicionamento direcionou a gestão das universidades e demais instituições de ensino e pesquisa. Devido a isso, o estudo do extermínio dos judeus foi evitado também em um nível institucional, refletindo as relações políticas entre os setores acadêmicos e o governo central. Ambos os fatores

<sup>20</sup> Como Kershaw afirma em: “No entanto, o colapso do Terceiro Reich não trouxe nenhuma mudança fundamental na tradição historicista e no domínio da escrita histórica. Como em 1918 e 1933, a continuidade era a marca essencial. Os dois principais historiadores da Alemanha do pós-guerra, Friedrich Meinecke e Gerhard Ritter, foram criados e escreveram na tradição historicista, e suas ideias estavam profundamente enraizadas na tradição idealista alemã de pensamento histórico e político. Nenhum tinha sido um nazista.” Traduzido do original: “Nevertheless, the collapse of the Third Reich brought no fundamental change in the historicist tradition and dominance in historical writing. As in 1918 and 1933, continuity was the essential hallmark. The two foremost historians of the post-war Germany, Friedrich Meinecke and Gerhard Ritter, had both been reared and had written in the historicist tradition, and their ideas were deeply embedded in the German idealistic tradition of historical and political thought. Neither had been a Nazi.”

<sup>21</sup> Traduzido do original: “Though no full professor of history in the German universities was said to have been a member of the Nazi party before Hitler came to power, the historical profession - not unlike all the other professions then in Germany - capitulated to the new regime quickly, readily, and even enthusiastically. Thereafter historians began to demonstrate their loyalty by joining the National Socialist party.”

se reforçavam e se complementavam, fazendo com que a historiografia alemã permanecesse inalterada no pós-guerra (SCHULZE, 1994, p. 33).

Ambos os autores, no entanto, representam a exceção de uma tendência predominante identificada na historiografia alemã durante os primeiros quinze anos após a guerra. Poucos estavam interessados ou dispostos a abordar este tema. Aqueles que o fizeram, contudo, adotavam os mesmos argumentos identificados em Meinecke e em Ritter, reforçando a perspectiva do distanciamento e isenção política.<sup>22</sup> Devido a esses fatores, os estudos existentes possuíam repercussão limitada na sociedade como um todo, a qual estava interessada, majoritária e oficialmente, na superação de tais questões para a reconstrução e retorno à normalidade.

Apesar dos autores mencionados não abordarem o Holocausto, esse tema também apresentou as mesmas características na historiografia do que os estudos sobre o Nacional-Socialismo. O Instituto de História Contemporânea, o *Institut für Zeitgeschichte*, por exemplo, demonstra como o genocídio era ignorado juntamente com o passado nazista em um nível oficial de política de Estado. Além da complexa e lenta formação do Instituto refletir a contraditória necessidade de registrar e preservar a história alemã com a falta de interesse social e político de tal iniciativa, os trabalhos realizados eram, predominantemente, de catalogação e compilação de documentos (GIMBEL, 1965). Ou seja, o Instituto de História Contemporânea não promoveu análises sobre o nazismo e nem buscou explorar as questões referentes ao passado alemão, seja com relação às origens ideológicas ou ao antissemitismo.<sup>23</sup> Uma vez que o Instituto era parte do governo,

<sup>22</sup> Como Schulze afirma: “Durante os anos do pós-guerra, grande parte da discussão sobre a relação entre o Nacional-Socialismo e a profissão acadêmica beirava a desculpa. Muita ênfase foi colocada na existência de esferas “livres de nazistas” dentro das universidades, obscurecendo assim toda a extensão do apoio ativo ou aquiescência.” Traduzido do original: “During the postwar years, much of the discussion on the relationship between National Socialism and the academic profession bordered on exculpation. Much emphasis was placed on the existence of “Nazi-free” spheres within the universities, thereby obscuring the full extent of active support or acquiescence.” (SCHULZE, 1994, p. 23).

<sup>23</sup> Como observado por Dawidowicz: “Mas, na maioria das vezes, a qualidade inerte que permeia grande parte do trabalho do Instituto deriva de sua abordagem substantiva, que isola o Nacional-Socialismo e o Terceiro Reich de todo o passado alemão. Seguindo a liderança de Meinecke, Ritter e Rothfels, os estudiosos do Instituto não olham para trás. Eles estudam o Nacional-Socialismo como se estivesse hermeticamente fechado no período de 1918-1945 ou então procuram fenômenos europeus universais comparáveis para explicar a experiência alemã. Na opinião deles, a continuidade da história alemã foi abalada pelo Terceiro Reich.” Traduzido do original: “But for the most part, the inert quality that pervades much of the Institute’s work derives from its substantive approach, which isolates National Socialism and the Third Reich from the whole German past. Following the lead of Meinecke, Ritter, and Rothfels, Institute scholars do not look backward. They study National Socialism as if it were hermetically enclosed within the time span 1918-1945 or else they look for comparable universal European phenomena by which to explain the German experience. In their view, the continuity of German history was shattered by the Third Reich.” (DAWIDOWICZ, 1981, p. 63)



dependendo deste para financiamento e continuidade das pesquisas consideradas impopulares, havia pouco interesse em extrapolar os limites determinados pelo contexto político.<sup>24</sup>

Devido a esses elementos, os primeiros estudos sobre o Holocausto foram publicados apenas em 1953. Neste ano, tem-se a primeira edição da revista do Instituto de História Contemporânea, a *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* (1953) e a livro de Reitlinger de título *The Final Solution* (REITLINGER, 1987). Assim como as obras de Meinecke e Ritter, ambos os trabalhos compartilham as características de distanciamento dos eventos e da ausência de observações sobre a história do antissemitismo e das origens ideológicas do Nacional-Socialismo, apesar de observarem o genocídio dos judeus.

A revista do Instituto menciona o extermínio pela primeira vez no seu segundo volume, com o denominado de “Relatório de Testemunha Ocular Sobre os Gasamentos em Massa”, ou *Augenzeugenbericht zu den Massenvergasungen* (1953). Esse texto é a reprodução do testemunho de Kurt Gerstein, oficial pertencente ao Instituto de Higiene da SS, *Hygiene-Institut der Waffen-SS*, o qual presenciou e contribuiu para as atividades nos campos de Auschwitz, Belzec e Treblinka.<sup>25</sup> O texto, dessa forma, se constitui de um relatório descritivo do processo de extermínio escrito por um oficial nazista e utilizado no seu julgamento após o final da guerra.

A obra de Reitlinger, *The Final Solution* (REITLINGER, 1987), por sua vez, possui a característica de ser predominantemente descritiva, buscando explorar apenas o processo de extermínio. Devido a essa abordagem, o autor restringe o seu estudo aos anos de 1939 a 1945, não chegando a considerar a ideologia antissemita ou o passado alemão em qualquer medida. A perspectiva do autor se concentra principalmente em Hitler e nos altos escalões da autoridade do governo Nacional-Socialista, demonstrando um enfoque

---

<sup>24</sup> Como Berg afirma em: “Olhando para trás, fica muito claro até que ponto os temas de “resistência” e “perseguição aos judeus” foram mutuamente equilibrados no início do instituto. Muitas vezes um tema foi apresentado simultaneamente ao outro ou então em delimitação argumentativa implícita. De acordo com uma decisão do conselho, o *Bundeszentrale für Heimatdienst* (Serviço Central Federal de Serviço à Pátria) receberia os dois temas de uma só vez; nas atas do conselho, a estratégia de “equilíbrio temático” parece francamente agressiva. Quando se tratava do Holocausto propriamente dito, porém, evitou-se uma abordagem direta e concreta do tema.” Traduzido do original: “Looking back, the extent to which the themes of “resistance” and “persecution of the Jews” were mutually balanced in the early institute is very clear. Often one theme was presented simultaneously with the other or else in implicit argumentative delimitation. According to a decision of the board, the *Bundeszentrale für Heimatdienst* (Central Federal Office for Service to the Homeland) would be offered both themes at once; in the board minutes, the strategy of “thematic balance” appears downright aggressive. When it came to the Holocaust itself, however, a direct and concrete addressing of the theme was avoided.” (BERG, 2015, p. 152)

<sup>25</sup> Gerstein tentou informar, sem sucesso, as autoridades estrangeiras sobre as mortes dos judeus durante a guerra. Após a sua captura, ele escreveu o “Relatório Gerstein”, o qual detalhava o processo do extermínio.

predominantemente político na sua análise.<sup>26</sup> Ou seja, mesmo com essas abordagens, os estudos do Holocausto não geraram reflexos imediatos na historiografia. Pelo contrário, mesmo com o surgimento destas obras e de outras, esse tema permaneceu sendo um tema de limitado interesse acadêmico e social.<sup>27</sup>

O silêncio sobre Hitler foi, simultaneamente, determinado pela sociedade e reforçado pela comunidade acadêmica, estabelecendo essa tendência na historiografia até o início da década de 1960. O Holocausto, dentro desse contexto, foi ignorado de maneira ainda mais perceptível. Em um ambiente manifestadamente desinteressado pelo passado nazista, os estudos sobre o genocídio não possuíam lugar. Tanto política quanto socialmente, não havia intenção ou disposição de se aprofundar nesses assuntos. Essa característica da pesquisa histórica pós 1945 também é identificada fora da Alemanha, uma vez que acadêmicos de todo o mundo compartilharam das mesmas tendências de silenciar e esquecer o passado recente. O conflito ideológico entre os países ocidentais com a União Soviética, juntamente com as demais repercussões do começo da Guerra Fria, contribuíram para que esse tema permanecesse propositalmente despercebido:

Na Alemanha, os perpetradores – e eram muitos – não quiseram ouvir o que tinham feito. Em todo o mundo ocidental, os espectadores – e havia muitos mais – não queriam que lhes dissessem o que não tinham feito. Por várias décadas, ambos os grupos foram amplamente protegidos da exposição, mesmo enquanto a Guerra Fria ou o conflito árabe-israelense preenchiam as manchetes. Nessas condições, os primeiros pesquisadores que insistiam em se preocupar com o Holocausto estavam engajados em uma revolta contra o silêncio, e sua escrita, na medida em que emergia impressa, era percebida como um conjunto implícito, senão explícito, de acusações dirigidas aos nazistas, aos conselhos judaicos, ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, ao Papa, na verdade, a qualquer pessoa suspeita de estar ciente, no momento da Solução Final, de que todo um povo estava ameaçado de aniquilação. (HILBERG, 1998, p. 5)<sup>28</sup>

<sup>26</sup> No entanto, Reitlinger apresenta algumas mudanças na perspectiva historiográfica anterior. Enquanto Meinecke e Ritter atribuíram o Nacional-Socialismo inteiramente ao Hitler e buscavam remover a população alemã em geral da participação com o governo, Reitlinger aponta que outros indivíduos e instituições precisaram ser envolvidos para que o Holocausto fosse implementado (BERENBAUM, 1987, p. xi).

<sup>27</sup> Nas palavras de Jäckel: “Enquanto nas décadas de 1960 e 1970 o fluxo de publicações históricas cresceu de forma constante, ainda quase não havia debate acadêmico sobre o Holocausto. Hilberg certamente provocou uma polêmica tempestuosa, que foi particularmente veemente em Israel, mas suas interpretações, derivadas de Franz Neumann, não foram discutidas profundamente por seus colegas historiadores.” Traduzido do original: “While in the 1960s and 1970s the stream of historical publications grew steadily, there was still almost no scholarly debate on the Holocaust. Hilberg certainly had sparked a stormy controversy, which was particularly vehement in Israel, but his interpretations, derived from Franz Neumann, was not discussed profoundly by his fellow historians.” (JÄCKEL, 1998, p. 24).

<sup>28</sup> Traduzido do original: “In Germany the perpetrators – and there were many – did not want to hear what they had done. In the whole Western world the bystanders – and there were many more – did not want to be told what they had not done. For several decades both groups were to a large extent protected from exposure, even while the Cold War or the Israel-Arab conflict preempted the headlines. Under these conditions, the early researchers who insisted on concerning themselves with the Holocaust were engaged

## Referências

- “Augenzeugenbericht Zu Den Massenvergasungen.” *Vierteljahrshefte Für Zeitgeschichte*, vol. 1, no. 2, Oldenbourg Wissenschaftsverlag GmbH, 1953, pp. 177–94.
- BERENBAUM, Michael. Foreword. In: REITLINGER, Gerald. *The final solution: the attempt to exterminate the Jews of Europe 1939-45*. London: Jason Aronson, 1987.
- BERG, Nicolas. *The Holocaust and the West German Historians*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 2015.
- BUTLER, Rohan. *The Roots of National Socialism, 1783-1933*. London: Faber & Faber, 1941.
- DAWIDOWICZ, Lucy S. *The Holocaust and the Historians*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.
- FINCHELSTEIN, Federico. *Uma breve história das mentiras fascistas*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FREI, Norbert. *Adenauer's Germany and the Nazi Past: The Politics of Amnesty and Integration*. New York: Columbia, 2002.
- FRIEDLÄNDER, Saul. Trauma, transference and "working through" in writing the history of the "Shoah". *History and Memory*, v. 4, n. 1. Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- GIMBEL, John. The Origins of the *Institut für Zeitgeschichte*: Scholarship, Politics, and the American Occupation, 1945-1949. *The American Historical Review*, v. 70, n. 3. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- HILBERG, Raul. Sources and Their Uses. In: BERENBAUM, Michael; PECK, Abraham J (ed). *The Holocaust and History: The Known, the Unknown and the Reexamined*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Destruição dos Judeus Europeus*. Barueri: Amariyls, 2016.
- JÄCKEL, Eberhard. The Holocaust: Where we are, where we need to go. In: BERENBAUM, Michael; PECK, Abraham J (ed). *The Holocaust and History: The Known, the Unknown and the Reexamined*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- KERSHAW, Ian. *Hitler, the Germans and the final solution*. New Heaven: Yale University Press, 2008.
- KNUDSEN, Jonathan B. Friedrich Meinecke (1862-1954). In: LEHMANN, H.; MELTON, J. (Eds.). *Paths of Continuity: Central European Historiography from the 1930s to the 1950s*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- MEINECKE, Friedrich. *The German Catastrophe*. Boston: Beacon Press, 1969.
- MOSSE, George L. *The Crisis of German Ideology: intellectual origins of the Third Reich*. New York: Howard Fertig, 1998.
- NEUMANN, Franz Leopold. *Behemoth: The structure and practice of National Socialism, 1933-1944*. New York: Harper & Row, 1966.

---

in a revolt against silence, and their writing, to the extent that it emerged in print, was perceived as an implied, if not explicit, set of accusations directed at Nazis, the Jewish councils, the United States Department of State, the Pope, indeed anyone who was suspected to have been aware at the time of the Final Solution that a whole people was threatened with annihilation.”

NOLTE, Ernst. *Three Faces of Fascism: Action Francaise, Italian Fascism, National Socialism*. New York: Henry Holt & Company, Inc, 1969.

REITLINGER, Gerald. *The final solution: the attempt to exterminate the Jews of Europe 1939-45*. London: Jason Aronson, 1987.

RITTER, Gerhard. *Xeque-mate ao ditador*. São Paulo: Senzala, 1968.

SCHULZE, Winfried. German Historiography from the 1930s to the 1950s. In: LEHMANN, H.; MELTON, J. (Eds.). *Paths of Continuity: Central European Historiography from the 1930s to the 1950s*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SCHWABE, Klaus. Change and Continuity in German Historiography from 1933 into the Early 1950s: Gerhard Ritter (1888-1967). In: LEHMANN, H.; MELTON, J. (Eds.). *Paths of Continuity: Central European Historiography from the 1930s to the 1950s*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TAYLOR, A. J. P. *The Course of German History: A survey of the development of Germany since 1815*. New York: Coward McCann, 1962.

*Artigo recebido em 21 de setembro de 2022. Aprovado em 14 de novembro de 2022.*